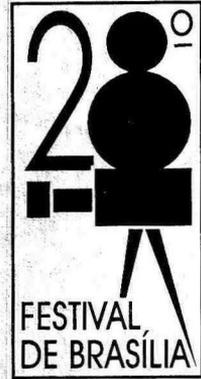


# Começa mal a fase reflexiva do Festival de Cinema de Brasília

Antônio Cunha

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Começou mal a fase reflexiva do 28º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, o primeiro promovido pela administração petista. Debates e seminários constituíram, pelo menos em suas aberturas,



em fiascos completos.

Na manhã de ontem, o governador Cristovam Buarque, ao contrário do que se anunciou no Cine Brasília, na noite anterior, não compareceu ao Kubitschek Plaza, palco dos debates. Caberia a ele abrir seminário dedicado aos Pólos de Cinema.

Sem o governador, Maria Duarte, secretária de Cultura, e Manfredo Caldas, diretor do Pólo de Cinema e Vídeo do DF, abriram e coordenaram os trabalhos. O que se viu foi a coisa mais melancólica do mundo. Não havia uma pesquisa, um estudo sobre o tema, um documento, uma sinopse que fosse, para servir como ponto de partida e, ou subsídio dos debates.

Maria Duarte convidou a senadora Benedita da Silva para representar o Parlamento, "interlocutor essencial no estabelecimento de políticas culturais", para sentar-se à mesa. Convidou, também, Antônio Alaerte, da Secretaria de Cultura do Espírito Santo, para falar sobre o Pólo Capixaba.

Sincera, a senadora avisou que estava sendo pega de surpresa. Que tinha viagem marcada para as 11h00 (eram 10h25) rumo a Fortaleza. Dispunha — se tanto — de uns 10 minutos. Minutos que pensava desfrutar na "prazerosa companhia" do marido, o ator e, agora, vereador petista, Antônio Pitanga.



Alaerte(E), Maria Duarte e Manfredo ouvem Benedita da Silva explicar que não pode participar do seminário

Não teve jeito. Deixou o marido na platéia e agregou-se à mesa improvisada.

**Estética** — Se no campo do debate de novas políticas do audiovisual o fracasso era visível, no caso do debate estético dos filmes, a situação configurou-se ainda mais patética.

Ricardo Dias, autor de *No Rio das Amazonas*, e os diretores dos três curtas da noite anterior (o brasileiro André Luiz da Cunha, o mineiro João Penna e o pernambucano Marcelo Gomes) esperavam que alguém do Festival se dignasse a convidá-los para a sala de debates dos filmes exibidos da noite anterior.

Até 11h25 (o debate estava marcado para as 10h00), não havia coordenador de mesa, nem platéia, nem sinal de que haveria "reflexão" sobre os filmes que, a cada noite, lotam o Cine Brasília. Só cineastas interessados em debater

seus filmes.

Os marinheiros de primeira viagem da administração petista marcaram posição nos dois últimos meses. "Vamos fazer um Festival reflexivo, voltado para a discussão estética e política do audiovisual brasileiro", garantiram.

Pelo andar da carruagem, tudo indica que isto é pura retórica. Não há, na prática, infra-estrutura nem convidados qualificados para trazer qualquer fato novo às discussões. O improvisado deverá continuar dando as cartas.

**Público** — O festival comandado pela administração petista só não é um fiasco total porque, no Cine Brasília, platéia atenta e numerosa agita cada novo programa composto com filmes dos anos pioneiros, curtas e longas.

Depois de mobilizar mil convidados na noite de abertura (com o filme o *Quatrilho*), o festival cantando continuou com sala lotada:

923 espectadores viram *O Mandarim* (823 pagantes e 100 convidados) e 688 o documentário *No Rio das Amazonas* (488 pagantes e 200 convidados).

Outro ponto positivo: a escalção de duplas de atores brasileiros para condução da cerimônia de apresentação dos concorrentes de cada noite. A dupla Helder & Pipo causou controvérsia, mas é do ramo. Errou apenas na dosagem de sua irreverência.

Já Carmen Moretzshon e Muri-lo Grossi, a dupla da noite de sexta-feira, atuou com elegância, dicção perfeita, sem nenhum tropeço. O Festival de Gramado bem que poderia convidá-los para ministrar aulas particulares a Virgínia Novick e Raul Gazolla, batizados de dupla Debi & Lóide, devido ao festival de besteiras e erros proferidos no palco gaúcho.

■ Mais informações sobre o Festival de Cinema no *Caderno 2*

## FLASHES

**VANZOLINI** — O compositor e zoólogo, Paulo Vanzolini, passou o dia com as malas prontas para viajar a Brasília e prestigiar a sessão de *No Rio das Amazonas*. Atraso do envio de seu PTA e superlotação de vôos para Brasília (que sedia um Congresso de Dentistas, o Encontro Nacional de Cultura, Congresso da Sociedade Centro-Oeste de Cardiologia e Congresso de Psicologia e Cardiologia), impediu que o autor de *Ronda e Volta por Cima* desembarcasse na cidade. Será que ano que vem os "marinheiros de primeira viagem" evitarão tais contra tempos? Vanzolini, vale registrar, tem 71 anos e não pode ficar à mercê de amadorismos.

**GENTE DE CINEMA** — O curta *Eu Sei Que Você Sabe*, que será exibido hoje, às 15h00, no Espaço Cultural da 508 Sul, constitui prato cheio para espectadores-cinéfilos. Afinal, em seu elenco estão dois diretores: José Roberto Torero e Cecílio Neto. E atores cults como Carlos Moreno, o eterno garoto-propaganda da *Bombriil*, a hilária Iara Jamra, mais Rodrigo Santiago e Ney Piacentini. O filme tem roteiro e direção de Lina Chamie.

**CENTENÁRIO** — Os cinéfilos que freqüentam o Cine Brasília a cada noite do Festival estão emocionados com os filmes dos pioneiros do ci-

nema, exibidos antes dos curtas e longas da mostra competitiva. Primeiro, foram filmetos dos Irmãos Lumière, realizados em 095, ano 1 do Cinema. Depois um curtíssimo de Thomas Edson, colorizado (de 1897, ano 3 do Cinema). Ainda vem muita coisa rara por aí.

**MUDANÇA** — O curta *Três*, de Eduardo Belmonte, segundo e último concorrente brasileiro, não será exibido hoje. E sim na terça-feira. A mudança foi feita depois que a edição dominical do *Caderno 2* estava fechada. Fica o registro.

**EMOÇÃO** — O cineasta brasileiro André Luiz Cunha levou 18 pessoas da equipe do curta *Áporo* ao palco

do Cine Brasília. Emocionou-se às lágrimas ao falar do prazer de mostrar seu filme, um projeto de final de curso na UnB, à platéia do cinema mais amado da cidade. De quebra, avisou que o filme entra em cartaz, esta semana, na Cultura Inglesa.

**MAIOR PLATÉIA** — Ricardo Dias e Zita Carvalhosa, diretor e produtora de *No Rio das Amazonas*, emocionaram-se com "a maior platéia" que o filme, um belo documentário, mobilizou, numa única sessão até hoje. Estavam lotadas as 606 poltronas do cinema e havia, ainda 88 pessoas espalhadas pelos corredores e fundo da sala.